

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Fozes e Lacerda-MT

RG N.º 20 00114 456

Data 05 10 2007

() Compra (X) Doação () Permuta

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ANA MARIA ALCALÁ DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL – NEM TUDO ESTÁ COMO ANTES NO REINO DO
“ERA UMA VEZ”**

**PONTES E LACERDA – MT
2006**

087.5
55862
Ex. 01
C 9256 8901

ANA MARIA ALCALÁ DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL - NEM TUDO ESTÁ COMO ANTES NO REINO DO
"ERA UMA VEZ"**

Ensaio monográfico de
conclusão do curso de
graduação em Letras,
apresentado ao departamento
de Letras da Universidade do
Estado de Mato Grosso –
Campus Universitário de Pontes
e Lacerda, como requisito parcial
para obter o título de graduada
em Letras.

Orientador (a): Prof^a. Ms. Renata
Beatriz Brandespin Rolon.

**PONTES E LACERDA – MT
2006**

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof.^a Ms. Elair de Carvalho

Prof.^a Ms. Susanne Maria Castrillon

Prof.^a Ms Renata Beatriz Brandespin Rolon

Local e data da aprovação

Dedico esse trabalho a meus pais que sempre me incentivaram e me apoiaram nessa trajetória.

AGRADEÇO:

Primeiramente a Deus, amado perfeito da minha alma. Foi ele quem possibilitou e quem me deu forças para que eu chegasse até aqui. A toda a minha família em especial a minha "MÃEninha" Edna Bernardo, que sempre me deu forças e sempre me apoiou.

A minha orientadora Renata Beatriz

Aos meus amigos que por muitas vezes nos momentos de dificuldades e lutas souberam me compreender e me animar.

Em especial a minha amiga Débora de Sá companheira de todas as horas.

Aos mestres que desde a minha infância contribuíram para que eu um dia estivesse aqui.

Aos mestres que me acompanharam durante a academia.

Enfim, a todos que estiveram ao meu lado...

"Se se quiser falar ao coração dos homens,
há que se contar uma história.
Dessas onde não faltem animais, ou deuses e
muita fantasia. Por que é assim – suave e
docemente que se despertam consciências."

Jean de La Fontaine.

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre o novo universo que tem se formado na Literatura Infantil nas últimas décadas, mais especificamente as transformações que vem ocorrendo no Reino do "Era uma vez".

Primeiramente retomamos o passado da história da Literatura Infantil. Neste primeiro capítulo vemos que o mundo mágico das narrativas nasceu com a linguagem oral e que ele se imortalizou graças ao empenho de autores como Andersen, Perrault ou os irmãos Grimm.

Feita essa retomada em que também observamos o papel da criança e da literatura no decorrer dos tempos, veremos no segundo capítulo como tem se configurado a nova literatura infantil nos últimos anos.

Por fim, tomando como exemplo a obra de Pedro Bandeira *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, a luz de teóricos como Bakhtin e Derrida, realizamos algumas considerações sobre esse rompimento com os conceitos clássicos que foram absolutizados no decorrer dos tempos.

Palavras-chave: Literatura Infantil, inovação, desconstrução, transformação, ruptura.

SUMÁRIO:

RESUMO	07
INTRODUÇÃO.....	09
1. A LITERATURA INFANTIL E SEUS CAMINHOS.....	10
1.1. COMO TUDO COMEÇOU.....	12
1.2. CHARLES PERRAULT, OS IRMAOS GRIMM E ANDERSEN – QUANDO O “ERA UMA VEZ” GANHA AS PÁGINAS DOS LIVROS.....	16
1.3. OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA LITERATURA NO BRASIL.....	18
2. NEM TUDO ESTÁ COMO ANTES NO REINO DO “ERA UMA VEZ”	21
2.1. O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Direta ou indiretamente a Literatura Infantil desde os seus primórdios encanta e fascina quem tem contato com ela.

Desde o seu surgimento ela vem estabelecendo um diálogo entre dois mundos. Ela liga dois universos onde o imaginário por volta se mistura a realidade e a realidade se mistura a fantasia.

Trilhando por vários caminhos, acompanhando mudanças sociais, históricas e culturais, essa literatura fantástica das velhas histórias, dos velhos contos, dos velhos autores vai se renovando diariamente. Os clássicos permeados pela fantasia e pelo mágico não são esquecidos, mas adaptações surgem com uma nova leitura e com uma nova significação, possibilitando ao leitor perceber semelhanças e diferenças entre a criação primeira e a recriação.

Nesse universo das palavras, a Literatura Infantil Contemporânea apresenta uma nova concepção de textos, aberto a múltiplas leituras, questionamentos e reflexões, textos onde a tradição e inovação se defrontam nos fazendo perceber a constante transformação da realidade.

Diante disso, buscaremos no decorrer desse trabalho estabelecer algumas considerações sobre essa nova roupagem que a literatura infantil tem ganhado nos últimos anos.

I – A LITERATURA INFANTIL E SEUS CAMINHOS

Todos nós conhecemos o fascínio das crianças pelas histórias de fadas, príncipes e princesas, madrastas, bruxas, magos, duendes, animais que voam, falam etc. Enfim, de todos estes seres que permeiam o fascinante mundo do “Era uma vez”.

Muitas vezes, nós mesmos, os adultos, sentimos esse encantamento que os contos oferecem sem mesmo sabermos bem o porquê. Com o passar dos anos, mesmo já estando na fase adulta, não deixamos de nos encantar por essas aventuras mágicas, e, por mais que os anos passem, elas parecem que sempre estarão ali, vivas, em nossas memórias.

Hoje, na sociedade capitalista em que vivemos, muitas crianças, talvez não tenham mais a oportunidade de ouvir, sob o céu estrelado de uma noite sem nuvens, alguma história contada por um certo avô, que longe da correria do mundo moderno, abre um fascinante mundo capaz de cativar olhinhos atentos e cheios de um brilho especial, pois assim é que são os olhos de uma criança. Talvez, essa mesma criança, só conheça muitas das histórias que um dia foram contadas aos nossos avós, por meio da televisão ou de algum produto que empresas interessadas no aumento do seu lucro, lançaram no mercado. Ou talvez elas conheçam algumas dessas histórias, por que um dia, alguma professora, lá na escola em que ela estuda, lhe contou sobre uma garotinha que tinha um chapeuzinho vermelho, ou sobre uma princesa que vivia com sete anões, ou ainda sobre uma jovem que foi trancafiada numa torre, e assim por diante, pois as histórias de príncipes e princesas, dragões, animais que falam, etc. são muitas.

Enfim, não importa a forma como essas histórias tenham chegado aos ouvidos de muitas crianças. A certeza que temos, é que, essas histórias continuam vivas e por mais que alguém tente matá-las não conseguirão, pois elas já se imortalizaram em nossas memórias.

Ligia Chiappini (1997) em um de seus estudos afirma que *Histórias são narradas desde sempre* (p. 5) e ainda segundo a autora, essas histórias vão se modificando, vão assumindo posições diferentes no decorrer do tempo em que são narradas, mas, apesar disso, elas nunca deixarão de existir, pois a *arte de*

narrar é coisa muito antiga (Ibidem, 1997. p. 6) e desde que nasceu, esteve, e, sempre estará presente na vida do homem.

Se buscarmos encontrar as origens da fascinante arte de contar histórias, talvez nos perdêssemos em uma linha temporal e histórica.

A autora e estudiosa Nely Novaes Coelho (2000) afirma o seguinte sobre isso:

Mas a verdade é que, no momento em que nos dispomos a reunir as pesquisas feitas ao longo do tempo e a querer traçar um painel de seus resultados, acabamos descobrindo um verdadeiro oceano de pistas e caminhos resistentes a qualquer esforço de ordenação lógica e definitiva. (p.15)

Muitos estudos foram feitos para descobrir o interessante caminho da literatura infantil, e se buscarmos as raízes onde foram geradas as narrativas maravilhosas, ou seja, onde os primórdios da literatura infantil estão centrados, com certeza chegaríamos ao início da criação humana, ou seja, a arte de contar histórias nasceu quando o homem nasceu, pois desde que o mundo é mundo, estamos contando aos outros o que um dia ouvimos alguém contar.

No entanto, apesar do que a autora Nely Novaes Coelho afirma quando diz que estamos diante de um oceano de pistas resistentes a ordenação lógica e definitiva, é necessário estabelecermos aqui um roteiro do processo em que a Literatura infantil passou desde o seu nascimento, mesmo que isso signifique voltarmos desordenadamente alguns anos, décadas, ou mesmo séculos atrás. Tendo em vista, que assim poderemos compreender melhor o que significou e o que significa essa desconstrução que a literatura infantil contemporânea tem apresentado, ou seja, conhecer os caminhos dessa literatura nos facilita compreender as várias funções que ela tem desempenhado no decorrer dos anos.

Conheçamos então esses caminhos...

I. 1 – Como tudo começou...

Desde a infância ouvimos falar de narrativas clássicas e emocionantes como "Chapeuzinho Vermelho", "A Bela Adormecida", "O Pequeno Polegar", etc. São histórias que encantam a todos que as ouvem, principalmente as crianças. Essas narrativas hoje, mesmo em meio a tecnologia e ao mundo cheio de cores e de som em que vivemos conseguem ainda encantar e se manterem vivas depois de séculos e séculos de existência.

Os caminhos percorridos por essas fascinantes histórias talvez sejam desconhecido a muitos dos leitores. Quem sabe esses passos trilhados pela literatura infantil passem despercebidos aos olhos de muitos dos leitores do século XXI. Talvez, muitos não saibam que dentre as formas literárias existentes uma das mais recentes é essa literatura constituída por livros voltados para a criança.

Desde que o homem foi criado, ele vive contando histórias. Narrar algum acontecimento sempre fez parte da história da humanidade, e é na oralidade que a literatura vai começar a dar seus primeiros passos. Os adultos sempre gostaram de contar histórias, sejam elas reais ou, sejam elas aventuras fantásticas criada pela imaginação, ou baseadas na realidade, na fé ou em alguma crença. Contadas ao redor de fogueiras, nas salas dos palácios, nas casas ou na beira de estradas, enfim, não importa o lugar, elas sempre foram capazes de encantar. Havia histórias horripilantes, violentas, que chocavam; histórias de morte, de aventura, de alegria, de tristeza; histórias com finais felizes ou não. Enfim, eram histórias marcadas sempre pela sedução das palavras e pela fruição do imaginário.

Assim, no decorrer dos anos essas narrativas foram sendo contadas, recontadas e reinventadas. No entanto, com o passar dos anos muitas das narrativas se perderam no tempo, pois enquanto não surgiu uma forma de registro para que o Homem pudesse preservar as emoções, os sentimentos, os traços culturais, ou qualquer outro tipo de tradição de um povo, muitas das histórias foram morrendo juntamente com seus narradores.

Diante disso, podemos constatar que não se sabe ao certo quando começou a se falar em literatura como uma forma expressa de conhecimento, mas temos a certeza que a oralidade foi a grande responsável pelo surgimento

de contos e lendas que perpassaram o tempo e até hoje continuam encantando crianças e adultos do mundo todo.

O surgimento da escrita por volta do quarto milênio antes de Cristo configurou um novo impulso para o desenvolvimento da sociedade. Segundo Roberto Castro (2006)¹ foi com a tentativa de preservar seus pensamentos, técnicas e emoções numa série de traços, que o homem foi capaz de acumular e produzir conhecimentos capazes de transformar radicalmente a sociedade em que viviam, pois, a escrita, tornou-se para o homem um instrumento inestimável para a difusão de idéias e de informações.

Foi com a chegada da escrita que o homem pode registrar o que de mais fantástico havia no universo dos contos, fábulas, mitos e lendas. Foi através da escrita que o homem pode possibilitar que a sua própria história se perpetuassem no tempo.

No entanto, a passagem da oralidade para escrita não foi feita sem lacunas, pois a voz, os olhos, e os gestos, principais instrumentos da tradição oral, foram transformados em sinais gráficos que não recuperaram a ambientação e nem o desempenho dos narradores. O que era desempenho oral, auditivo e visual, acabou sendo transportado para o papel com as alterações dessa passagem. Mas, este foi apenas um detalhe, pois diante da situação o mais importante era registrar e deixar gravadas essas histórias por muitas gerações.

Todos esses fatos nos fazem lembrar o que Nely Novaes Coelho disse em uma de suas obras. Segundo ela: *Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse modo é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade.* (1991,p. 24)

Diante da observação de Coelho (ibdem), percebemos, a relação direta entre as particularidades histórico/cultural da sociedade com a natureza literária criada por ela, pois ambas estavam ligadas, e, toda a literatura expressa durante os tempos diz respeito a uma situação do pensamento do ser humano em determinada época que eles viveram. Assim, compreender a literatura é também compreender os passos trilhados pela humanidade no decorrer dos anos.

¹ Estudo retirado do site www.usp.br/jorusp/arquivo.

Sabemos que o surgimento da literatura infantil está intimamente ligado às mudanças que a sociedade passou no decorrer dos anos, principalmente ao status concedido à criança no meio social.

Por muito tempo as crianças viveram no anonimato, apesar de serem muito inteligentes e possuírem uma imaginação que superava qualquer adulto. Eram considerados adultos em tamanho menor, vestiam-se como adultos, e eram inseridos nas atividades cotidianas sem nenhuma restrição. Durante muitos anos, a sociedade, não permitiu a existência de uma coisa que chamamos de "infância", e, em tudo, estes pequenos seres eram considerados como os grandes.

Regina Zilberman (1987) nos fala que as crianças *não recebiam qualquer atenção particular, nem gozavam de um status diferenciado, verificando-se ainda altas taxas de mortalidade infantil, quando do parto ou em tenra idade.* (p. 5) Enfim, ela afirma que as crianças *Participavam de modo igualitário da vida adulta.* (ibidem), ou seja, por muito tempo o ser infantil não foi valorizada pelo status de criança. Não se levava em conta que aquele pequeno ser poderia ser diferente dos adultos. Diferente no sentido de se encantar pelo fascinante mundo do imaginário mais do que qualquer adulto, diferente por que ele ainda era uma criança, e tinha pensamentos de uma criança, diferente por que por mais que vivessem no mundo dos adultos não eram iguais a eles.

Os anos foram passando, e nesse passar, o presente virou passado, a sociedade foi se transformando e a literatura e as artes no geral acompanharam essas transformações. A única coisa que não mudou foi o fato de que na história da humanidade, o ser humano nunca deixou de contar e recontar aquelas histórias fantásticas do passado, pelo contrário, novas histórias surgiam diariamente, pois era impossível fazer com que a imaginação parasse.

Foi somente no século XVIII que a criança começou a ser vista com um olhar diferente. Nessa época a criança passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pois ela deveria agora distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta, na verdade que a preparasse para viver no novo estilo da sociedade. Era uma forma de integrá-la a esse novo universo burguês que estava sendo formado. Nesse prisma, segundo Zilberman (1987, p.3) (...) *surge a literatura infantil; seu aparecimento, porém tem características*

próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola.

A partir dessa data iniciou-se então uma série de produções voltada para o público infantil. Aquela literatura maravilhosa que antes era indicada para os adultos foi incorporada de muito mais da tradição oral e popular e, assim, foi transformada em literatura para crianças.

Ao perceber que a criança era cativada pelas narrativas fantásticas e pelo imaginário, os adultos rapidamente passaram a usar isso para alcançar seus objetivos em relação a elas. Perceberam que as personagens, as histórias, atuavam como transmissoras de ensinamentos. Pois, naquele universo das palavras e das letras os pequenos seres podiam experimentar reações diversas, como o amor o medo, o ódio, a rejeição, etc. Assim, as obras destinadas ao ser infantil, além de divertir, foram apresentadas com um caráter moralizador, pregavam sempre a obediência e a moral cristã.

Ao ter acesso às histórias, as crianças se encantavam com aquele mundo do "era uma vez" e do "viveram felizes para sempre", essas palavras mágicas fascinavam aqueles pequenos seres, que logo se identificavam com os personagens, tão marcantes nas histórias. Percebendo essa aproximação entre personagens e criança, seria necessária a criação de personagens bem configurados, ou seja, padronizados, com funções estabelecidas e fixadas, ficando exposto que o mal era mal, o bem era bem e que a desobediência não compensava. Desse modo, os adultos criaram personagens estereotipados e com características quase sempre iguais. Eram princesas belas e perfeitas, sempre muito obedientes; príncipes encantadores e cheio de atitudes heróicas, bruxas, madrastas, lobos e dragões malvados, e mais uma infinidade de outras personagens com características bem próximas a essas. Estava claro que os contos, incitavam nas crianças um desejo de se parecer com aqueles heróis, puros, verdadeiros e que por sinal viviam felizes pra sempre.

Foi assim que toda a história dos contos, das fábulas, dos mitos, enfim, das narrativas fantásticas cheias de aventuras e sedução garantiram seu espaço. Em cada canto, através da boca ou do punho de algum narrador ou escritor essas histórias que antes estavam somente ligadas a oralidade começaram a ser registradas, ganharam e assumiram uma importância fundamental na sociedade, formando assim uma nova forma de literatura, a Literatura Infantil.

Dentre os muitos autores que foram surgindo nesse processo de formação da Literatura Infantil, houve aqueles que se destacaram por contar e recontar histórias fascinantes, tanto é que suas narrativas se tornaram *best sellers* mundiais e ultrapassaram as barreiras do tempo.

1.2 – Charles Perrault, Os Irmãos Grimm e Andersen – Quando o “Era uma vez” ganha as páginas dos livros...

Sabe-se que por muito tempo muitas das histórias não eram registradas, e estas por sua vez estavam se perdendo ao longo dos anos. Sabe-se também que os contos de fadas tiveram em sua origem muitas controvérsias, e que os textos, fontes da literatura folclórica e popular, foram de origem anônima e coletiva, e que, os vestígios mais remotos dessa arte remontam a séculos antes de Cristo e apresentam fontes orientais e célticas que, a partir da Idade Média, foram incorporados por textos de fontes européias.

Sendo assim, foi através desse contato entre a oralidade e os escritores que começaram a surgir os primeiros registros com histórias do folclore, da vida e das aventuras dos povos europeus.

Foi na oralidade que um homem, nascido na França e por nome Charles Perrault, que viveu por volta de 1628 à 1703, vai buscar, adaptar e imortalizar muitas das histórias a que atualmente temos acesso. Foi Perrault o grande responsável pelas primeiras histórias registradas, voltadas basicamente para as crianças, como: *Chapeuzinho Vermelho*, *a Bela Adormecida*, *A Gata Borralheira*, ou *Cinderela*, *O Pequeno Polegar*, dentre outras.

Suas obras foram sempre marcadas pelo realismo e por narrativas de valores eminentes morais, onde a virtude era sempre recompensada. O maravilhoso ocupou um lugar bem modesto e seres como as fadas eram bem raras em suas narrativas.

É de Charles Perrault a versão de um dos contos mais populares, pois não há quem não conheça, ou não tenha ouvido falar sobre a história da menininha que usava um chapeuzinho vermelho, que foi levar doces pra sua vovozinha e acabou encontrando um lobo malvado pelo caminho. É do punho desse autor a versão da história em que o lobo janta a vovó e em seguida a menina, mostrando

para os pequenos leitores que a obediência era o melhor caminho a ser seguido, e deixando bem claro o mal que acontecia com aqueles que não eram obedientes.

Alguns anos mais tarde, o mundo ganha mais dois escritores empenhados em colher essa tradição oral e deixá-la registrada. Trata-se de Jacob e Wilhelm Grimm, dois irmãos apaixonados pela vida e pela tradição popular, que durante algum tempo puseram-se a viajar por lugares coletando dados que mais tarde foram transpostos para o papel. Dessa viagem feita pelos dois irmãos surgiu um volume de histórias chamado *Contos de Fadas para Crianças e Adultos*, no qual continham histórias como, *Os Sete Anões*, *Branca de Neve*, *Joãozinho e Maria*, e, até mesmo, versões de histórias que foram recolhidas por Charles Perrault alguns anos antes, como é o caso de *Chapeuzinho Vermelho*.

Nas versões criadas por esses dois irmãos podemos encontrar um lado mais humanitário, mais sensível e mais cheio de esperança e de confiança na vida. Muitos temas considerados cruéis ou imorais foram retirados e não foram levados para suas narrativas, prova disso é o final da versão de *Chapeuzinho Vermelho*, em que os irmãos, ao contrário de Perrault, apresentam a vovó e a menina vivas e felizes.

Outro que seguiu os caminhos do imaginário percorrido pelos Grimm, foi Hans Christian Andersen, um dinamarquês que também muito contribuiu para a produção literária voltada para o público infantil. Andersen contou, recontou e criou narrativas que passaram gerações e gerações. Suas histórias sempre cheias do maravilhoso, revelavam também uma poeticidade única, capaz de encantar ainda mais quem o lia. Em seus contos foi possível perceber padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava, ficando claro muitos dos confrontos entre "poderosos" e "desprotegidos" / "fortes" e "fracos". Por ter vivido em meio ao povo, Andersen buscou na própria infância o maravilhoso e o mágico que levou pra seus contos. Jesualdo (1985, p. 134) afirma que em Andersen o maravilhoso é sua própria alma e seu mundo inteiro, seu mundo vivo, produto de sua própria vida. Desde a infância o maravilhoso foi como que sua atmosfera natural. É de Andersen histórias como *O Patinho Feio*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Sereia*, *A Roupas nova do Rei*, entre tantas outras que conhecemos.

Assim, as primeiras narrativas fantásticas foram registradas e se espalharam por todos os cantos do mundo, através destes, que foram os precursores da literatura voltada para crianças. Sobre estes celebres escritores Jesualdo(1985) diz:

A diferença entre Perrault, Grimm e Andersen estriba em que Perrault fala pela extraordinária sabedoria de sua captação e tem rara habilidade para reproduzir tom e acento de seus personagens, os irmãos Grimm as características que anotamos linhas atrás, isto é, de recolher diretamente essa experiência, sem observação nem psicologia expressiva, e Andersen tem essas fontes populares em sua própria alma. (p. 133)

Assim, esses quatro homens, Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Andersen, apesar de viverem em épocas diferentes, de terem características próprias, tiveram algo mais que em comum, o prazer e a possibilidade de registrar e produzir uma arte capaz de encantar e cativar qualquer criança.

1.3 – Os Caminhos Percorridos pela Literatura Infantil no Brasil

Por esses caminhos e descaminhos que a literatura infantil percorreu, com certeza em todos os lugares do mundo, primeiramente a literatura passou pela boca de contadores e contadoras de histórias. Pessoas que não deixaram seus nomes registrados em livros, contudo, mesmo ficando no anonimato, marcaram os caminhos da literatura infantil.

No Brasil, não foi muito diferente dos outros países. Apesar de não ter ainda uma literatura específica voltada para os pequenos, havia uma infinidade de narrativas enraizadas na oralidade, ou seja, na cultura popular, que por sinal formavam um caldeirão de misturas, de crenças, mitos, festas, causos e cantigas de rodas. Um caldeirão que trazia na essência culturas de uma nação miscigenada, com gosto de inúmeras outras culturas populares de diferentes lugares do Reino Terrestre, pois afinal de contas, o Brasil era uma região formada por povos, raças e tribos de várias partes do mundo.

Foi em meio a essa mistura de raças, cores e crenças que começou a se desenhar uma literatura tipicamente verde amarela, mas que a princípio, enfrentou algumas dificuldades, pois além de ter sido sufocada pelo domínio da cultura européia, recebia muito pouco investimento, tanto por parte da população quanto por parte de escritores e editores.

Por muito tempo as produções literárias tiveram como fonte de inspiração única e exclusivamente as produções vindas da Europa. No entanto, com o passar dos anos, por volta do século XX uma reação a essa dominação começou a se desenvolver, desencadeando assim, um processo de libertação e florescimento de idéias tipicamente brasileiras.

Se na Europa foram os irmãos Grimm, Andersen ou Perrault que se destacaram como célebres autores de histórias voltadas para crianças, no Brasil foi Monteiro Lobato, quem encantou e cativou esses pequenos. Com personagens e histórias que misturavam o real e a fantasia, Lobato abre as portas para um universo fantástico, mais especificamente para um sítio, chamado Sítio do Pica Pau Amarelo. Nesse espaço o nosso folclore se mistura ao mundo mágico dos contos europeus e tudo acaba por gerar uma literatura tipicamente com a nossa cara. As aventuras de Lobato que se destacaram principalmente pelo fato de apresentarem personagens bem ligados a cultura brasileira.

Nos anos seguintes, muitas novidades surgiram na área da literatura para crianças, algumas boas, outras nem tanto, pois houve um tempo em que se chegou até mesmo a se extinguir das narrativas, o maravilhoso, as fadas, os príncipes e tudo o que fugia do real. Mas, houve também um tempo em que a literatura infantil se multiplicou e passou a ser vista como algo importante na vida da criança, algo que contribuía para a formação da consciência de mundo dos pequenos leitores.

No entanto, só após a década de 70 é que vemos o florescimento e o desenvolvimento da Literatura Infantil. Vemos a entrada de grandes editoras no mercado e conseqüentemente um maior investimento nessa nova forma de literatura voltada para o leitor infante/juvenil. Temos assim, uma literatura que em diferentes estilos, formas ou linguagens oferecem às crianças histórias atraentes, bem humoradas, criativas e que além de divertir estimulam a consciência crítica dos leitores frente aos valores ultrapassados.

Nesse universo literário sobressaiu-se o lúdico sobre as demais experiências. Os autores que foram surgindo, através de paródias e de um humor sutil ou às vezes sarcástico, passaram a apresentar a literatura com uma visão mais crítica, com mais liberdade de expressão, uma literatura que é mais realista. Com isso, dentro do mercado editorial brasileiro essa nova literatura ganha mais força. Muitos dos autores vão retomar os velhos contos tradicionais, mas agora descaracterizando e questionando os padrões que por muito tempo foram tidos como corretos.

E, nesse leque de produções literárias, deparamos-nos assim, com obras como *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, obra esta, que nos leva a refletirmos mais um pouco sobre essa nova construção que os autores estão dando às narrativas e aos personagens contemporâneos.

II – NEM TUDO ESTÁ COMO ANTES NO REINO DO “ERA UMA VEZ”

No decorrer dos anos a sociedade tem passado por inúmeras transformações, estas, vão desde o âmbito político, cultural e ideológico até o âmbito psicológico, ou seja, o mais íntimo do próprio ser humano. Essas transformações ocorrem por que o homem cria e se relaciona com uma realidade. Ele vivencia, decide, domina, participa e modifica, e assim, nesse processo, vão se formando as épocas históricas em que o homem se torna o principal personagem. Nesse processo histórico, a cada dia, algum fato novo acontece, e dessa feita, o homem se vê diante de situações em que é necessário assumir novas posições, ser flexível e entender que as mudanças existem e ele é parte fundamental delas.

É dentro desse contexto social que a literatura está inserida. A literatura faz parte da vida do homem, faz parte das transformações que o homem vivenciou ou ainda vivencia, ela está intimamente ligada a todo esse processo de construção da história da humanidade, e do mesmo modo que o ser humano foi se transformando socialmente a literatura também participou e acompanhou essas mudanças.

Hoje, temos diante de nós, uma sociedade moderna, com economia capitalista, voltada para a tecnologia, para a rapidez das máquinas, para o consumismo, para o corre-corre das pessoas e para o grande número de informações que a TV, ou a Internet oferecem. Por sua vez, a presença da mídia com seus inúmeros recursos tecnológicos, tem se transformado num atrativo bem maior do que o livro, principalmente para a criança, que tem diante de si um universo mágico de cores e sons, que fascina e encanta.

No entanto, mesmo diante de toda essa “beleza do mundo moderno”, a literatura e os velhos contos de fada não são esquecidos. Se perguntarmos a qualquer criança se ela já ouviu falar de personagens como a Branca de Neve, Chapeuzinho vermelho, Rapunzel, ou qualquer uma das outras princesas dos Reinos encantados, com certeza, obteremos uma resposta positiva, pois, seja pela boca dos adultos, seja pelos livros, ou até mesmo pela TV, figuras como

essas se tornaram eternas, e, passe o tempo que passar, elas viverão na memória daqueles que um dia já foram crianças.

Contudo, surge um fator novo em todo esse processo de construção das personagens. Talvez, se perguntarmos a uma criança algumas características dessas mesmas personagens citadas acima, não seria surpresa se houvesse alguma coisa de diferente com as histórias delas ou, até mesmo com elas. Não seria surpresa encontrarmos algumas dessas mesmas histórias com versões um pouco diferentes das originais.

Diríamos em breves palavras que, simplesmente, isso são os traços da modernidade que saltitam e permeiam toda a produção literária da atualidade. Esses traços provocam e nos trazem um diferencial nas clássicas histórias do "Era uma vez".

No decorrer dos anos sabemos que a literatura infantil passou por diferentes fases, seguiu diferentes caminhos, tendências e estilos. E a cada fase pela qual transitou, surgiram histórias e estórias voltadas para o público infantil.

Nas últimas décadas, passou-se a investir muito mais no texto pra crianças e isso gerou inúmeras novidades como, por exemplo, o experimentalismo com a linguagem, com a estruturação das narrativas, com a configuração dos personagens, com o visualismo do texto, e etc. foram traços que vieram juntamente com as inovações trazidas pelo contexto do modernismo, do contemporâneo, ou seja, dessa busca por inovação, que a literatura e as artes nos geral presenciaram nos últimos séculos. Então, foi através das inovações trazidas pelo contexto do modernismo, do contemporâneo que a literatura e as artes em geral se dessacralizaram.

Assim, temos hoje uma literatura com uma nova roupagem, uma literatura que vai reinventar e desmistificar os padrões da literatura infantil clássica. O resultado é um fazer literário que inova e que trás, nas páginas e nas linhas de suas histórias, as marcas do rompimento com o tradicional.

Mas, essa ruptura, não significou o abandono e o esquecimento dos velhos clássicos infantis. Pelo contrário, esse mundo maravilhoso das velhas histórias de Perrault, dos irmãos Grimm, ou de outros autores da "velha guarda" continuam bem vivos nas narrativas que são produzidas por escritores contemporâneos. A diferença está no fato de que encontramos agora as personagens dos contos de Fadas recriadas de uma forma mais sintonizada com

a realidade, ou seja, elas se tornaram mais modernas e mais autênticas, mais condizentes e parecidas com o mundo real vivido pela criança.

Essa volta ao passado nos faz refletir e nos faz lembrar o conceito bakhtiniano de que a literatura se produz num constante diálogo de textos, seja por retomadas, empréstimos, ou troca. Trata-se da intertextualidade. Para Bakhtin o romance moderno caracteriza-se como dialógico, ou seja, é um texto em que as diversas vozes da sociedade estão presentes e se entrecruzam. A literatura nasce da literatura, sendo que cada obra nova é a continuação de obras, temas, ou gêneros anteriores. Marisa Lajolo (1984) falando dessa nova roupagem da literatura infantil afirma que (...) *às vezes o texto tematiza seu próprio processo de escrita e produção, às vezes faz referência a outras obras, instaurando uma espécie de diálogo entre textos.* (p. 154). Assim, nesse processo intertextual o tradicional e as idéias velhas, são superadas para que o novo possa (re)significar. É o instante em que o passado e o presente se fundem para gerar novas formas.

Nessa (re)leitura, aproveitando-se das diversas formas de humor como a paródia, a sátira e a ironia, autores utilizam-se dos grandes clássicos da literatura mundial e através disto fazem com que haja uma nova forma de apreciar o antigo. Entre essas formas, a mais utilizada e conhecida é a paródia. O termo *ode* significa **canto, canção e para**, significa aquilo que se desenvolve **ao longo de, ao lado de**. Logo, a paródia seria um contracanto, uma canção transposta. Segundo Paulino (1995. p. 36) *A paródia é, pois, uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente.* Questiona-se através disso os paradigmas de belo e feio, mau e bom, certo e errado, além é claro de questionar os valores morais e éticos apresentados nos clássicos infantis.

Essa nova postura que a literatura ganhou desperta os pequenos leitores para uma leitura mais crítica, mais atenta, que procura desvelar o mundo e o ser humano e, que ao mesmo tempo mostra, mas também exige, posicionamentos da criança frente a realidade a que a mesma está inserida.

Sabe-se que todo conto de fadas traz algumas características básicas como a presença da princesa, do herói (geralmente um príncipe), das fadas, dos reinos encantados, dos vilões, das bruxas, e, principalmente dos finais felizes.

Ao longo dos anos, a literatura criou esteriótipos para estes papéis. Constituiu um padrão e uma estrutura que é seguida basicamente em todos os contos desse gênero. Em um estudo apresentado por Vladimir Propp (1983), o autor fala que nos contos, na maioria das vezes: *O que muda são os nomes (e ao mesmo tempo os atributos) das personagens; o que não muda são as suas ações, ou as suas funções. Pode-se concluir daí que o conto empresta muitas vezes as mesmas ações a personagens diferentes.* (p.58). Nos contos clássicos encontramos um padrão de personagem que desempenha determinadas ações no desenrolar da história, ações estas que levam o leitor a aprender algo, alguma coisa que será imitada. São personagens estereotipadas e com características quase sempre iguais.

Nos contos de fadas, por exemplo, a princesa, figura como jovens bonitas e esbeltas; cabelos longos e loiros, com voz, traços e formas mais suaves. Como afirma Nádia Battella (2003) *são sempre protótipos da raça ariana*. A elas, estão sempre associadas a beleza, a educação e a doçura, como se estas fossem modelos de perfeição. Com os príncipes e heróis não é diferente, acrescenta-se a isso, a valentia, a coragem e a honestidade. Já os finais, geralmente são sempre “felizes” e para “sempre”.

Mas nesse reino do “era uma vez”, nem tudo transcorre como antes, as regras estabelecidas no reino dos contos de fadas estão sendo desconstruídas e modificadas, as princesas já não são tão belas assim, os príncipes nem tão heróicos como antes, as fadas nem tão boas, os lobos nem tão maus, e os finais nem tão “felizes pra sempre”.

Diante desse tema, um dos ícones das teorias contemporâneas, o francês Jacques Derrida (2006) afirma que a teoria da desconstrução consiste em desfazer o texto partindo do modo como este foi organizado originalmente, para que assim, seus significados ocultos sejam revelados. Para o filósofo essa abordagem incentiva a pluralidade de discursos e mostra a não existência de uma única verdade, ou de uma única interpretação.

Assim, obras como *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado, *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, são exemplos dessa nova roupagem que a literatura infantil vem ganhando nas últimas décadas. Sem falar nas várias versões para a história da menina Chapeuzinho Vermelho, como por

exemplo, *Fita verde no Cabelo*, *A verdadeira História da Chapeuzinho Vermelho*, *Chapeuzinho amarelo*, etc.

Em todas essas histórias encontraremos versões diferentes daquelas que foram recolhidas, registradas ou reinventadas por Charles Perrault, por Andersen, ou pelos Grimm.

Dentre as histórias citadas acima, nos deteremos especialmente em uma, trata-se de *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, do autor Pedro Bandeira. Nela poderemos observar melhora algumas das características dessa nova literatura infantil que tem se despontado nos últimos tempos.

II. 1. O Fantástico Mistério de Feiurinha

Em todos os textos encantados da literatura infantil, percebemos o quão mágicas são as palavras. Quando o “Era uma vez” surge, todos nós temos a certeza que uma história começará e nos levará para um mundo fascinante, repleto de personagens dos mais variados com suas mais incríveis aventuras. E sempre, ao fim das histórias esperamos ansiosamente pelas palavras “... e viveram felizes pra sempre”.

Durante muito tempo estivemos acostumados a ouvir estas palavras repetidas vezes, sempre que chegávamos ao final de uma história era simplesmente isso que ouvíamos. Mas, sabemos que os pequenos leitores de hoje são bem mais críticos e atentos, e na sociedade atual em que vivemos seria praticamente impossível não se fazer certos questionamentos como, por exemplo: será que eles viveram felizes pra sempre mesmo? É só isso que acontece depois que duas pessoas se casam? O final não poderia ser diferente?

O autor Pedro Bandeira surpreende-nos justamente nesse ponto quando escreve *O Fantástico Mistério de Feiurinha*. Logo no início da obra percebemos que não se trata de mais uma história convencional que começará simplesmente com um “Era uma vez, há muito, muito tempo atrás...” e que apresentará seus personagens lindos e perfeitos, com o corriqueiro final “felizes para sempre”. Desde o princípio, percebemos uma narrativa de ficção muito original onde a realidade e a fantasia constantemente se intercalarão.

No enredo, um autor de textos infantis se vê envolvido com as famosas personagens dos contos de fadas clássicos. Branca de Neve, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e a Bela-Fera invadem o seu mundo, mais exatamente a sala de sua casa e ali, juntamente com o autor vão viver uma história divertida e encantadora.

A princípio já encontramos a seguinte afirmação do autor narrador: *Difícil explicar direito como é que eu fui me meter no meio dessa história (...) O engraçado é que eu me meti no meio da confusão, mas não no meio de história nenhuma. Eu me meti no fim de todas as histórias.* (O.F.M.F, 1999. p. 09)².

A partir dessa afirmação, para surpresa dos leitores o autor narrador já começa questionar o fim das narrativas, o que significava viver felizes pra sempre? Será que a felicidade era não viver nenhuma aventura? O que havia depois do término das histórias? Todo esse questionamento leva o autor a exclamar:

Ah, não pode ser! Não é possível que heróis e heroínas tão sensacionais tenham passado o resto da vida assistindo ao tempo passar feito novela de televisão. É preciso saber o q acontece depois do fim.
Pois fiquem sabendo que mesmo sem querer eu tive essa oportunidade.
(O.F.M.F. p 10).

Nessa busca para saber o que aconteceu depois do fim das histórias, o nosso nobre escritor vai descobrir que as aventuras continuaram e sempre continuarão existindo. E é assim que a história de Feiurinha vai se misturar com a própria história do autor, pois com a chegada de todas aquelas personagens na sala de sua casa, o autor se vê obrigado a ajudar as princesas a solucionarem o mistério do sumiço de Feiurinha.

Uma das formas de desconstruir os estereótipos típicos das personagens clássicas dos contos de fadas e que é muito utilizada pelos escritores contemporâneos é o humor e a paródia.

Etimologicamente o termo *para-ode* (paródia) significa um canto paralelo, um contra canto. Para Bakhtin, na paródia, o autor se opõe diretamente ao original, o texto se torna divergente, discordante. Esse gênero vai se tornar marcante na literatura moderna justamente por ter esse caráter contestador, pois

² O. F. M. F abreviação de *O Fantástico Mistério de Feiurinha*.

rompe e subverte modelos clássicos, possibilitando uma nova forma de perceber o texto original.

Através do engraçado, do riso, há uma desmistificação dos padrões. Percebemos na obra de Pedro Bandeira que o autor se utiliza desses meios. Através da ironia ele subverte os valores de beleza, bondade, e de felicidade eterna trazendo as personagens para mais próximo da realidade e da verdadeira condição humana.

Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, aparece meio neurótica e desequilibrada, não se casou, pois na sua história não tinha príncipe encantado, e agora, solteirona, ainda vivia ao lado de sua avó.

Chapeuzinho Vermelho era a mais solteira das amigas de dona Branca e uma das poucas que não era princesa. A história dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da vovozinha, mas não falava em nenhum príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona e encalhada ao lado de uma velha cada vez mais caduca. (O.F.M.F. p. 16)

Outra característica que ela apresenta é o fato de ter engordado muito, pois a mesma comia compulsivamente:

Dona chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha de lado (ela não largava aquela bendita cestinha!) tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás, Dona chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o lobo mau). (O.F.M.F, p. 18)

Como podemos notar, ao contrário da versão clássica, onde Chapeuzinho é apresentada como uma personagem linear, que tem seus limites bem delineados e bem configurados, na obra de Pedro Bandeira, ela já adulta, aparece com as fragmentações e os conflitos do mundo moderno. Isso confirma o que Nádia Battela (2003, p. 30) afirma quando diz que com a complexidade dos novos tempos a literatura mudou, gerando assim uma *fragmentação dos valores, das pessoas e das obras*. São personagens que trazem em seus traços o

máximo das características humanas, se tornando assim bem mais próximos da realidade.

Esses traços também podem ser notados quando na obra são citados os famosos príncipes encantados. Nos contos de Fadas tradicionais, esses personagens aparecem configurados como um cavalheiro perfeito. Neles foram incutidos conceitos como a fidelidade, o respeito, a honra, e a educação, ou seja, eles aparecem como heróis perfeitos, valentes e corajosos.

Entretanto o que acontece na obra *O Fantástico Mistério de Feiurinha* é ao contrário, Pedro Bandeira quebra essa visão idealizada do herói perfeito, pois os príncipes não são tão aventureiros e muito menos os heróis de antes. Nas palavras das próprias esposas, as "Senhoras Encantado", percebemos claramente isso. Quando surge a idéia de convocar os príncipes para a reunião em que as princesas buscam solucionar o mistério do desaparecimento de Feiurinha, uma das princesas afirma:

- Os príncipes não adianta chamar. Estão todos gordos e passam a vida caçando. Além disso príncipe de história de fada não serve pra nada. A gente tem de se virar sozinha a história inteira, passar por mil perigos, enquanto eles só aparecem no final para o casamento. (O.F.M.F. p. 22)

As princesas ainda continuam a descrever seus maridos, os príncipes encantados. Uma afirma que o seu príncipe é míope, a outra que já não aguenta mais de tanta dor de cabeça, pois toda noite o príncipe, que depois do casamento engordou muito, esquece a chave do castelo e cisma em entrar em casa subindo pelas tranças dela. A Senhora Dona Bela-Fera reclama que já não consegue dormir mais em noites de lua cheia, pois o seu marido passa a noite uivando e se lembrando dos tempos passados. Enfim, todas reclamam e colocam os defeitos de seus príncipes, exceto Chapeuzinho Vermelho, a única que não se casou e que depois de um dos comentários da amiga Branca de Neve chega a seguinte conclusão: *É... Os únicos decididos são os caçadores. Eu devia ter casado com o caçador que matou o lobo...* (O.F.M.F. p. 22)

Diante disso, percebemos como as figuras históricas dos clássicos contos de fadas são intencionalmente modernizadas. Através da paródia, o autor nos

leva a confrontar o passado e o presente exigindo do leitor *não apenas o reconhecimento de vestígios textualizados do passado literário e histórico, mas também a percepção daquilo que foi feito – por intermédio da ironia – a esses vestígios* (HUTCHEON, 1991:167 apud IOZZI, ADRIANA). Através dessa volta irônica aos clássicos, o leitor percebe o que mudou, percebe as diferenças existentes na construção dos personagens. Essa volta ao passado leva o leitor a também perceber a desmistificação do que era belo e perfeito nos contos tradicionais.

Nesse processo de desmistificação e de quebra com o passado o autor Pedro Bandeira continua ainda a nos trazer novidades, surpreendendo o leitor que estava acostumado a encontrar princesas educadas e gentis.

Percebemos nas heroínas um padrão de atitudes nada normal para uma princesa. As “Senhoras Encantado” surgem como damas que às vezes se mostram nada gentis, gostam de uma boa fofoca, como por exemplo, Branca de Neve, que nem espera a amiga terminar e curiosa interfere na fala de Chapeuzinho:

- Menina, você não sabe o que aconteceu...
Dona Branca arregalou os olhos negros como ébano:
- Aconteceu? O que foi que aconteceu? Ah, vamos conta logo! Sou doida por uma fofoca. Vai ver foi aquela sirigaita da Gata que...
- Branca, Branca! – censurou Chapeuzinho (...)
(O.F.M.F. 18)

Percebemos também nas princesas que às vezes elas não medem as palavras, e para defenderem as suas histórias estão sempre colocando defeito nas histórias das outras, gerando assim uma provocação e uma briga de palavras, onde as princesas por vezes trocam ofensas e, como o próprio autor afirma: *Até as distintas princesas perdem a classe de vez em quando*. (O.F.M.F. p. 34):

- O que?! Repita isso!
-Repito sim: Gata borralheira!
- Defunta!

- borralheríssima!
- Vampira!
- Borralheirona toda borrada!
- Cadavérica!
- Calma meninas! (O.F.M.F, 1999. 37)

Desse modo podemos notar que as princesas estão realmente diferentes. Percebemos que nem tudo transcorre como antes nas histórias dos reinos encantados e das princesas. Agora são as princesas que lutam e vão em busca de resolver o enigma para salvarem sua amiga Feiurinha e suas próprias histórias, pois se o "feliz para sempre" de Feiurinha tinha sido quebrado, elas também estavam em risco. Vemos que o papel do herói vai para as mãos das princesas. Antes elas eram salvas, agora, elas é que vão em busca de salvar a amiga. Isso termina por se configurar quando entramos na história de Feiurinha. O leitor vai perceber que quem resolve o conflito existente em sua trama, não é nenhuma fada, ou qualquer outro ser mágico, é a própria princesa que quebra o encantamento e consegue se libertar das garras de três bruxas malvadas que a aprisionavam.

Dessa feita, vemos que essa nova forma de conceber a literatura infantil, leva a criança a perceber que ela tem opções de ações diante das mais diversas situações da vida real. Os autores contemporâneos estão preocupados em apresentar obras que não repetem as formulações autoritárias e pedagógicas presentes nos contos tradicionais. Se as crianças se identificam com personagens e através deles resolvem seus próprios conflitos, nada melhor do que apresentar uma personagem que por si só resolva e supere seus problemas. Assim, o leitor se vê representado através de um herói que não é somente dotado de virtudes, coragem e perfeição, mas que também passa por conflitos interiores, que chora, que questiona a vida, que se lamenta, enfim, que é mais real.

O *Fantástico Mistério de Feiurinha*, leva o leitor a perceber e a encarar de uma nova forma os estereótipos de beleza permanente, de bondade e educação, de felicidade eterna ou do heroísmo e do ideal cavalheiresco. Com a nova roupagem que os personagens ganham o autor consegue abrir uma porta para que o pequeno leitor crie uma consciência mais crítica e perceba uma nova forma de ver o velho, ou seja, que ele perceba o passado e o presente juntos com uma nova fórmula, fórmula esta que não deixa de encantar.

A obra de Pedro Bandeira deixa manifesta também a importância que os contos de fadas exerceram e ainda exercem sobre a vida das crianças, além de ressaltar a importância de escritores como Andersen, Perrault, ou os Grimm que se preocuparam em perpetuar as narrativas de tradição oral, imortalizando assim as personagens infantis clássicas que hoje conhecemos, pois no decorrer da trama os personagens vão descobrir que o desaparecimento de Feiurinha se deu devido a história da princesa não ter sido registrada nos livros, ter permanecido apenas na oralidade.

Assim, a obra de Pedro Bandeira nos cativa e nos leva de uma forma bem humorada a tecer uma crítica às concepções que originaram as histórias de princesas e príncipes perfeitos, com finais felizes e para sempre. Uma obra recriada que não provoca um esvaziamento total dos textos anteriores, mas mostra que muitos dos valores ético-morais se transformaram e juntamente com eles as personagens da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer deste trabalho procuramos demonstrar alguns dos caminhos trilhados pela Literatura Infantil no decorrer dos anos. Vimos como histórias que nasceram na oralidade ganharam as páginas dos livros, perpassou o tempo e ainda continuaram vivas na memória de muitos.

No primeiro capítulo foi-nos possível perceber os caminhos trilhados por essa literatura. Nestes caminhos, encontramos autores como os irmãos Grimm, Andersen, Perrault e Monteiro Lobato. Com eles a Literatura infantil deu os seus primeiros passos, com eles o mundo mágico do "Era uma vez" se tornou imortal.

No segundo capítulo vimos que mudanças aconteceram com o passar dos anos, e que uma nova forma de encarar a literatura surgiu. São narrativas que voltaram ao passado e beberam nos velhos contos, de tradição oral. No entanto, essa nova narrativa contemporânea subverte os padrões de comportamento, inverte papéis, desfaz conceitos que foram absolutizados no decorrer dos tempos e, nesse universo às avessas, valoriza o compromisso com a verossimilhança, ou seja, apresenta os personagens cada vez mais parecidos com a realidade.

Analisando a obra de Pedro Bandeira percebemos também que *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, através do humor vem renovar o já conhecido. Por meio da paródia aos contos de Fadas o autor desmistifica os estereótipos criados ao longo do tempo, colocando o leitor infantil nesse processo de evolução no qual estamos vivendo, onde a tradição e a inovação estão em constante confronto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. **O Fantástico Mistério de Feiurinha**. 23.ed. São Paulo: FTD, 1999.

CHIAPPINI, Ligia. **O Foco Narrativo**. São Paulo. Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O Conto de Fadas..** São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: Autoritarismo e Emancipação**. Editora Ática: São Paulo, 1987.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

PAULINO, Graça et. Al. **Intertextualidades: Teoria e prática /Coleção Letras**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto**. Tradução de Jaime Ferreira e Victor Oliveira. Lisboa: Veja Universidade, 1983.

SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. Trad. James Amado. São Paulo: Cultrix, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BRADSBURY, Malcom, James Mc Farlane. **Modernismo: Guia geral.** 1890/1930. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

Sites consultados

www.eventos.uevora.pt/comparada . ADRIANA IOZZI - Da vanguarda ao pós modernismo. 15/11/06.

www.usp.br/lorusp/arquivo. ROBERTO C. G. CASTRO. Os instigantes registros do mundo antigo. 20/11/06.